

## Manuel José Peixoto



Manuel José Peixoto, na idade de 14 anos e no primeiro dia de Janeiro de 1837, demandava a barra do Porto a bordo da Galera Lusitana, que se destinava à América do sul.

Filho de um modestíssimo lavrador, António da Costa Peixoto, já falecido, e de D. Ana Joaquina Rodrigues, ainda existente, levava a pretensão de ser admitido no comércio, funcionando em casa de um tio estabelecido no Rio de Janeiro. Isso conseguiu, e com tal dedicação se entregou aos trabalhos do seu ramo, que chegou a perder a saúde e teve de voltar à pátria em 1841.

Conseguindo restabelecer-se, curou segunda vez de ir para onde o chamava a sua actividade e inquebrantável força de vontade. Para ali embarcou, portanto, no ano de 1842, e ali se estabeleceu como sócio da firma Rodrigues Guimarães & C.<sup>a</sup>, da qual fazia parte o actual visconde da Feitosa. Esta firma foi depois substituída pela de Rodrigues Guimarães, Peixoto & C.<sup>a</sup> com venda de fazendas na rua Primeiro de Março.

Sendo feliz no negócio e achando-se conseqüentemente em circunstâncias de mudar de estado, resolveu constituir família, e ali desposou a Ex.ma Sra. D. Antónia Rosa Moreira Peixoto, senhora estimabilíssima, que alia a um coração extremamente bondoso os dotes de uma esmerada educação, e o espírito de uma excelente *menagère*, duma verdadeira e digna dona de casa; tudo o que pôde ser confirmado por aquelas pessoas que se acham mais ou menos estreitamente relacionadas com a família Peixoto. É esta uma afirmação que não pode ser contestada.

Em 1871 voltava Manuel José Peixoto à terra da pátria, trazendo com sigo a família, a esse tempo composta da esposa e dois filhinhos.

Dando-se a coincidência de figurar entre os passageiros o imperador D. Pedro II, algumas vezes succedeu tomar ele no colo, acariciando-os e beijando-os com aquela afabilidade e despreocupação que o caracteriza, os filhos de Manuel José Peixoto, os dois estudiosos mancebos que actualmente cursam com aproveitamento notável a Universidade de Coimbra.

Depois de algum tempo de residência em Portugal, quis Manuel José Peixoto voltar ainda uma vez ao país em que a fortuna lhe sorrira, e indo ali resolveu liquidar os seus negócios, para regressar definitivamente à pátria em 1876 e estabelecer a sua residência permanente na casa a que há pouco nos referimos, e onde vive satisfeito, amado e respeitado pela família, querido dos amigos e altamente considerado dos conterrâneos.

Manuel José Peixoto deixou o seu nome vinculado aos estabelecimentos de beneficência mais importantes do império brasileiro. Faz parte da *Beneficência Portuguesa*, que é uma das mais belas instituições que ali possuímos e da qual foi um dos mordomos, dotando-a, do seu bolso, no mês em que exerceu aquelas funções, com a importante soma de 2.000\$00 reis.

Pertence também à ordem de S. Francisco da Penitência.

E como prova da sua longanimidade, do muito empenho que tem em minorar a sorte dos desvalidos, faz hoje igualmente parte da ordem da SS. Trindade, estabelecida no Porto.

O nosso governo, prestando homenagem às suas qualidades e valimentos, agraciou-o justamente com a comenda de Cristo.

A casa de Manuel José Peixoto é um verdadeiro albergue. Os amigos encontram ali uma franqueza e um conforto, como se em sua própria casa estivessem, e não há desvalido que bata inutilmente àquela porta.

Eis, pois, em largos traços, a notícia do carácter do cidadão respeitável, cujo retrato damos na primeira página deste número, trabalhador inteligente e activíssimo, que, partindo para o Brasil, no princípio da sua carreira comercial, com a quantia de 1\$440 reis na algibeira, soube, à custa do próprio esforço, adquirir uma fortuna, que se diz ser considerável, mas cuja cifra não curamos de averiguar.

Resta-nos fechar este escrito com uma nota, que dá a linha mais perfeita do carácter deste caritativo e honrado cidadão.

No último dia da nossa estada em sua casa, um dia assinalado, por ser o da festa dos Reis, celebrava-se missa numa capela, que fica a pouca distância. Dirigíamo-nos para ali, impelidos por um misto de curiosidade e devoção, quando se nos acercaram dois mendigos, homem e mulher, implorando a nossa esmola. Tendo a felicidade de poder dar-lha, perguntaram-me nesse acto se eu pertencia à família Peixoto.

Respondi-lhes negativamente; mas sentindo desejo de conhecer o motivo daquela pergunta, inquiri-os a tal respeito. Disseram-me: —

*“Meu senhor, é porque em casa do comendador Peixoto, a caridade é ilimitada. Aquele homem que o senhor ali encontra, com modos muito severos, possui o mais bondoso coração deste mundo. Ninguém apela para ele, que deixe de conseguir o seu auxílio. Nunca disse não a um pobre. E a família o mesmo. Deus lhes dê a ventura que merecem. Aquela casa é um hospício, uma fonte de benefícios. Desgraçados dos pobres destas imediações, se não fosse aquela santa família, que sempre tem para eles a broinha e o caldinho verde, e muitas vezes também agasalho para os que lho imploram. Ai, a senhora D. Antoninha, não há bondade como a dela. Diz-se até que deixa de comprar objectos para seu uso a fim de melhor socorrer os desvalidos. Já ouvimos, que a nossa rainha é o Anjo da caridade; pois a esta bondosa e caritativa senhora chamamos nós o Anjo dos pobrezinhos.”*

Foi isto pouco mais ou menos o que ouvimos àqueles dois pobres velhos, e que trouxemos para aqui no propósito de deixar completo o quadro em que se distingue a feição proeminente da excelência

de carácter de Manuel José Peixoto e da longanimidade do coração de sua esposa, ambos por muitos títulos credores da estima e admiração de quantos têm a fortuna de apreciá-los.

Almeida Pinto *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira – Commercio e Industria (Sexto ano, Número 68). Lisboa, 8 de Janeiro 1886.

Digitalização e transcrição por Isabel Ferreira Alves

Fafe, Outubro de 2008.